

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Cav TIAGO FERNANDEZ CARDOSO

**As Consequências político/estratégicas do Conflito na
Ucrânia para os países da América do Sul a partir de 2022**



Rio de Janeiro

2023

Maj Cav TIAGO **FERNANDEZ** CARDOSO

**As Consequências político/estratégicas do Conflito na Ucrânia
para os países da América do Sul a partir de 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: Maj Cav Júlio César **Monteiro** de Vasconcelos **Júnior**

Rio de Janeiro

2023

C268c Cardoso, Tiago Fernandez

As Consequências político/estratégicas do Conflito na Ucrânia para os países da América do Sul a partir de 2022. / Tiago Fernandez Cardoso. - 2023.

42 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Júlio César Monteiro de Vasconcelos Júnior
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2023.

Bibliografia: f. 39-40

1. América do Sul. 2. Rússia. 3. Ucrânia. 4. Político – estratégico. 5. Guerra. 6. Conflito I Título.

CDD 355.4

Maj Cav TIAGO FERNANDEZ CARDOSO

As Consequências político/estratégicas do Conflito na Ucrânia para os países da América do Sul a partir 2022

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Aprovado em ____ de outubro de 2023.

COMISSÃO AVALIADORA

JÚLIO CÉSAR **MONTEIRO DE VASCONCELOS JÚNIOR** – Maj - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

RODRIGO ROZAS – TC – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

RÔMULO TORRES RAMIRO – TC – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Aos meus queridos pais Orlando e Maria das Neves, à minha esposa Morgana, e aos meus filhos Vicente e Lorenzo, maiores razões da minha existência, e que sempre me motivam a ser um melhor profissional, pautado nos maiores e mais importantes valores familiares e da sociedade.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso buscou explorar as consequências político estratégicas do atual conflito na Ucrânia para os países da América do Sul. Dessa maneira foi realizada uma passagem geral sobre os aspectos desta guerra, os efeitos imediatos na política dos países da região, a capacidade estratégica dessas nações em lidar com as consequências do conflito e os desafios e oportunidade para a América do Sul, de forma a gerar conclusões objetivas sobre essas abordagens. Para isso, ocorreu uma ampla exploração bibliográfica de artigos em português, espanhol e inglês, para que o estudo estivesse alinhado com as diversas pesquisas realizada próximas do tema em questão. Com isso, verificou – se que a América do Sul deve saber lidar com grande habilidade para seu amplo desenvolvimento, a nível mundial. Este estudo se mostra importante, em uma montagem de uma Nova Ordem Mundial, em que a América do Sul precisa sair de seu isolacionismo, para ascender como um Continente de amplas possibilidades geopolíticas, com o Brasil liderando a influência regional sul – americana.

Palavras-Chave: Conflito, Ucrânia, Rússia, Guerra, consequências, América do Sul e político/ estratégico.

ABSTRACT

This course conclusion work aimed to explore the political/ strategic consequences of the current conflict in Ukraine for the countries of South America. In this way, a general overview of the aspects of this war was conducted, including the immediate effects on the politics of the countries in the region, the strategic capacity of these nations to deal with the conflict's consequences, and the challenges and opportunities for South America, in order to draw objective conclusions about these approaches. To achieve this, an extensive bibliographic exploration of articles in Portuguese, Spanish, and English was carried out, ensuring alignment with various researches conducted on the topic. It was observed that South America must handle its broad development on a global level with great skill. This study proves to be important in the context of shaping a New World Order, wherein South America needs to move away from its isolationism to rise as a continent of vast geopolitical possibilities, with Brazil leading the South American regional influence.

Keywords: Conflict, Ukraine, Russia, War, consequences, South America and political/ strategic.

RESÚMEN

Este Trabajo de fin de curso buscó explorar las consecuencias políticas/ estratégicas del conflicto actual en Ucrania para los países de América del Sur. De esta manera, se realizó un análisis general de los aspectos de esta guerra, los efectos inmediatos en la política de los países de la región, la capacidad estratégica de estas naciones para manejar las consecuencias del conflicto, así como los desafíos y oportunidades para América del Sur, con el objetivo de generar conclusiones objetivas sobre estos enfoques. Para ello, se llevó a cabo una amplia exploración bibliográfica de artículos en portugués, español e inglés, para que el estudio estuviera alineado con diversas investigaciones realizadas sobre el tema en cuestión. Como resultado, se constató que América del Sur debe saber cómo manejar con gran habilidad su amplio desarrollo a nivel mundial. Este estudio se muestra importante en el contexto de establecer un Nuevo Orden Mundial, en el cual América del Sur necesita abandonar su aislacionismo para ascender como un continente de amplias posibilidades geopolíticas, con Brasil liderando la influencia regional sudamericana.

Palabras clave: Conflicto, Ucrania, Rusia, consecuencias, América del Sur y político/ estratégico.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Invasão da Ucrânia pela Rússia.....	17
Tabela 1 - Síntese das posturas dos países sul – americanos, em relação ao conflito entre Rússia e Ucrânia em organismos internacionais	25
Tabela 2 - Intercâmbio comercial entre a Rússia e países da América Latina em 2021.	26
Tabela 3- Produtos mais importados pelo Brasil em 2022.	30
Tabela 4- Transações de cloreto de sódio no mundo	30
Tabela 5- Percentual de exportação de fertilizantes russos no mundo.....	31
Tabela 6- Operacionalização da integração regional na América do Sul	40

LISTA DE ABREVIATURAS

ALALC	Associação Livre Comércio Latino-Americano
AS	América do Sul
BID	Base Industrial de Defesa
BRICS	Brasil, Rússia, Índia e África do Sul
CDS	Conselho de Defesa Sul - Americano
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização Tratado do Atlântico Norte
UE	União Europeia
UNASUL	União de Nações Sul-Americanas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA	15
3	A ATUAL GUERRA DA UCRÂNIA.....	16
4	EFEITOS IMEDIATOS NA POLÍTICA DOS PAÍSES SUL – AMERICANOS.....	21
5	CAPACIDADE ESTRATÉGICA DOS PAÍSES SUL – AMERICANOS DE LIDAR COM AS CONSEQUÊNCIAS GERAIS DO CONFLITO.....	28
6	DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A AMÉRICA DO SUL.....	34
6.1	DESAFIOS PARA A AMÉRICA DO SUL	35
6.2	OPORTUNIDADES PARA A AMÉRICA DO SUL.....	38
7	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS.....	49

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo analisar as consequências políticas e estratégicas do Conflito na Ucrânia para os países da América do Sul (AS), a partir de 2022, em um contexto atual de grande volatilidade, incerteza, fragilidade e ambiguidade mundial.

A escalada da crise na Ucrânia, no início de 2022, e o consequente avanço das tropas russas no interior do território ucraniano, chamaram a atenção da comunidade internacional e, conseqüentemente, ocasionaram a reação de alguns países ocidentais, implementando ações majoritariamente voltadas para o campo econômico. Pelo que se observa, a guerra não está restrita ao campo de batalha, pelo contrário, os fatos sugerem que ela está sendo deflagrada em múltiplos domínios (VISACRO, 2020).

Dentro desse contexto, atualmente, percebe-se que a Ucrânia representa para os russos mais do que uma disputa por independência das regiões separatistas. *Crimeia, Donbas, Luhansk e Donetsk* são áreas ligadas historicamente à nacionalidade e à cultura de Moscou. Por esse fato, o governo russo adota uma postura oficial de proteger os direitos e os *interesses* de nacionais no exterior, amparada na Estratégia de Segurança Nacional e na Política Externa desse país. Além disso, o território ucraniano representa um objetivo fundamental para a geopolítica russa, pois mantém os europeus ocidentais e as influências norte-americanas longe de suas fronteiras (ALBUQUERQUE, ALMEIDA 2022).

No conflito russo-ucraniano está claro que *Vladmir Putin* representa a liderança máxima no governo russo. Desde 1999 no poder, *Putin* tem se revezado no cargo de Presidente e Primeiro-Ministro. Para *Putin*, a maior tragédia geopolítica do século XXI foi o colapso soviético. Em 2008, quando a Ucrânia manifestou a intenção de aprofundar os laços de integração com a União Europeia e com a OTAN, esse líder russo se pronunciou dizendo que, caso isso acontecesse, a Rússia lutaria para anexar o leste do território ucraniano (ALBUQUERQUE, ALMEIDA 2022).

Pelo lado ucraniano, Volodymyr Zelensky é um novato na política, o que torna seu caso interessante de ser analisado sob o prisma dos estudos de liderança. Comediante famoso em seu país, foi guindado à presidência sem antes ter passado por qualquer cargo político. Eleito em 2019 com mais de 70% dos votos, sua aprovação pelos ucranianos, no início de 2022, estava em torno de 30%. Após o início do conflito, sua popularidade triplicou, passando de 90% de aprovação (FILHO, 2022).

Tal fato demonstra que, quando testado pelo conflito, Zelensky surpreendeu a todos fazendo basicamente o que se espera de um líder político nessas situações: galvanizar a vontade de lutar do povo ucraniano e angariar apoios internacionais fundamentais ao esforço de guerra de seu país (FILHO, 2022).

É importante ressaltar que, segundo a BBC News Brasil, a Rússia e a Ucrânia detêm parcelas significativas de suprimentos essenciais para a população mundial. Unidas, produzem cerca de 30% do trigo comercializado mundialmente, além de diversos outros grãos, comercializados com inúmeros países. Com a invasão russa, esse abastecimento foi prejudicado, tanto na quantidade exportada, como no preço dos produtos, que muitas vezes ultrapassam em aproximadamente 60% os valores antes praticados. (CARVALHO, 2022).

Colocando uma lente de observação na atual situação, para Carregosa e Barros (2022) a Rússia exporta fertilizantes para diversos países, inclusive para a América do Sul, foco deste trabalho. Os russos produzem o potássio da Belarus (tipo de potássio), essencial para o solo sul-americano, que encareceu mais de 30% desde o início do conflito. O Brasil e a Argentina são amplamente dependentes desse fertilizante produzido no Mar Negro.

Portanto, tais observações acima levam a divergências regionais entre russos e ucranianos. Segundo CASTILHO (2022), a guerra entre Rússia e Ucrânia, o maior conflito ocorrido na Europa desde a Segunda Guerra Mundial, pode de fato dar ensejo a novos paradigmas envolvendo duas questões fulcrais e antigas no solo europeu: o poderio energético Russo (seu poder de barganha) e a questão envolvendo a transição energética. Com a alta dos combustíveis e com as deliberações decorrentes do aumento dos preços e da escalada do conflito, toda uma gama de buscas por outras fontes de energia ganha contornos cada vez mais urgentes.

Dessa forma, os países ocidentais, temendo a expansão do conflito para suas fronteiras, têm aumentado seus orçamentos militares. Países como Polônia e Alemanha, aumentaram os recursos destinados às suas Forças Armadas e ao parque industrial de defesa. Além da Europa, outras regiões estão ameaçadas pela possibilidade de uma guerra. Taiwan, Japão, Coreia do Sul e Austrália também majoraram seus gastos em defesa. A possibilidade de novos conflitos em áreas de instabilidade geopolítica ou de litígios fronteiriços latentes, após a invasão russa da Ucrânia, passaram a ser mais prováveis (ALMEIDA, 2022)

A AS, por estar fisicamente distante da região do conflito e da Europa, não é tão comentada mundialmente em relação a essa guerra, mas o fato é que muitas

turbulências sociais, econômicas, políticas e militares estão ocorrendo neste Continente, fruto de apoios ou afastamentos de políticas empregadas em terras europeias.

Segundo Alarcón e ChuquiHuaccha (2022), faz-se necessário analisar coletiva e individualmente o comportamento de governos sul-americanos frente ao atual conflito. O mundo globalizado da Era da Informação pressupõe que o evento da Guerra na Ucrânia traga consequências muito rápidas à América do Sul.

Ainda sobre o olhar desses autores, Alarcón e ChuquiHuaccha (2022), muito mais que prejuízos econômicos, a Guerra da Ucrânia obriga os países a se posicionarem no conflito entre Rússia e Ucrânia. Nesse apoio, a volatilidade e a ambiguidade surgem a todo o momento, de acordo com os interesses dos países diretamente afetados.

Durante essa análise, será lembrada a parceria que a Rússia tem com muitos países sul-americanos no desenvolvimento nuclear, espacial e tecnológico. Por isso, na AS é difícil tomar partido diretamente contra a invasão russa, haja vista que muito se tem a perder no desenvolvimento dos países integrantes deste continente.

Dessa maneira, este trabalho busca esclarecer como se encontra a América do Sul, em razão da Guerra da Ucrânia e como isso impacta nos aspectos políticos e estratégicos das nações deste Continente.

Cabe destacar a conceituação de política e estratégia para o prosseguimento conciso desta pesquisa. Para Maquiavel (ed. 2018), a política identifica-se com o espaço do poder, enquanto atividade na qual se assenta a existência coletiva e que tem prioridade sobre as demais esferas da vida humana. A política pressupõe ainda confrontos e conflitos entre interesses de grupos opostos e antagônicos, o que potencializa ainda mais o choque com os imperativos morais do indivíduo. Maquiavel (ed. 2018) preconizava o ajustamento permanente entre a ação desenvolvida e os desígnios do Estado, fazendo da estratégia o instrumento da política para se atingir o fim por esta proposto.

Maquiavel (ed. 2018), ainda, enfatizava que o pensamento político-estratégico pode ser sintetizado em quatro premissas básicas: fortalecimento do Estado, definição clara de objetivos, aplicação violenta e inescrupulosa dos meios; e aplicação dos meios subordinada à vontade do Estado (Soberano).

Com o início do Conflito na Ucrânia, a América do Sul se sujeitou a um cenário de fragilidade, seja em razão do desabastecimento de suprimentos, seja por questões políticas e econômicas. Esse conflito tem gerado instabilidades que alteram o contexto

geopolítico do Continente Sul-Americano. Assim sendo, constata-se que essa guerra vem afetando direta e indiretamente este espaço geográfico nos campos político, econômico e estratégico.

Diante do exposto, questiona-se: que consequências trará para os países da América do Sul diante dos dilemas e desafios impostos pela Guerra da Ucrânia?

Para a resolução dessa questão, o objetivo geral deste trabalho é analisar as consequências políticas e estratégicas do Conflito na Ucrânia para os países da América do Sul, diante dos dilemas e desafios impostos pela Guerra da Ucrânia a partir de 2022, com os seguintes objetivos específicos:

- a. Analisar os efeitos imediatos na política dos países sul - americanos frente ao conflito;
- b. Identificar a capacidade estratégica dos países sul-americanos de lidar com as consequências gerais do conflito; e
- c. Identificar as oportunidades e desafios para a América do Sul.

A resposta de tais objetivos será importante, pois, em cenários políticos e estratégicos de grande volatilidade, onde uma Ordem Internacional multipolar se afirma no cotidiano da geopolítica mundial, faz-se necessário que a América do Sul acompanhe de maneira atenta o “descortinamento” de fatos que ocorrem diariamente na Guerra da Ucrânia. Esses acontecimentos fazem com que as relações internacionais sejam aplicadas em todas as expressões do poder, com a finalidade do prevailecimento de soberanias, de ambíguas formas de cooperação e de aproveitamento de interações geopolíticas.

Este trabalho visa contribuir para o Exército Brasileiro como uma bibliografia sobre a diversidade de consequências na América do Sul, de maneira que se possa acompanhar a condução das ações políticas e estratégicas das autoridades dos países sul-americanos, diante de dilemas e desafios atuais.

Este trabalho, também, tem por objetivo realizar uma análise do que ocorre, a partir de 2022, no Continente Sul-Americano, frente ao maior conflito existente atualmente: o conflito na Ucrânia. Essa Guerra resgatou aspectos outrora considerados atrasados em um Teatro de Operações. Foi constatado o retorno da Guerra Convencional e com ela a volta de interações políticas e estratégicas deixadas de lado por certo tempo.

Por fim, este Trabalho de Conclusão de Curso visa mostrar a importância deste estudo, e assim acompanhar as estratégias adotadas pelos países sul-

americanos diante do conflito entre Rússia e Ucrânia. É de suma importância que este trabalho se constitua numa bibliografia para militares com o Curso de Altos Estudos Militares, no Brasil.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada apresenta-se de forma descritiva e qualitativa, por meio de um estudo de caso. O estudo de caso para a resposta dos problemas dessa pesquisa foi a atual Guerra da Ucrânia. Quanto aos meios, este trabalho apoia-se em pesquisas bibliográficas.

Para YIN (2016), a pesquisa qualitativa, inicialmente apresenta-se como uma forma diversa de estudos publicados. Sua amplitude indica a potencial relevância e o fascínio da pesquisa qualitativa: diferente de outros métodos das ciências sociais, praticamente todo acontecimento da vida real pode ser objeto de um estudo qualitativo.

Assim, após o estudo da documentação do Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação do Exército, de 2012, acerca da metodologia das pesquisas científicas no Exército, fez-se entender que a presente pesquisa foi realizada por meio de agrupamentos e análises de dados reunidos em literaturas acadêmicas, fontes abertas e documentos.

Para que os objetivos desta pesquisa fossem alcançados, o presente trabalho se desenvolveu limitando-se aos seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Peru, Venezuela e Uruguai.

Cabe ressaltar que a Argentina, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai são membros do Mercado Comum do Sul (Mercosul), Organização Intergovernamental¹ com grande participação brasileira. Por sua vez, a Venezuela faz fronteiras terrestres com o território brasileiro e estabeleceu laços recentes de parceria com a Rússia.

Ainda, o Chile, o Paraguai e o Peru são economias pujantes na América do Sul e ostentam boas relações diplomáticas com a Rússia e com a Ucrânia. Todos os países citados encontram-se no entorno estratégico brasileiro, conforme a Política Nacional de Defesa.

As limitações existentes no presente trabalho são resultantes do reduzido tempo de pesquisa, para que se consiga atingir melhores resultados. Outro aspecto dificultador para a pesquisa é que a Guerra da Ucrânia ainda está em andamento, dificultando análises mais consistentes.

¹ **Organização intergovernamental** (OI), também conhecida como organização governamental internacional (OGI), é uma organização composta principalmente de estados soberanos (referido como Estados-Membros), ou de outras organizações intergovernamentais.

3. A ATUAL GUERRA DA UCRÂNIA

Segundo APARECIDO e AGUILAR (2022), o dia 21 de fevereiro de 2022 começou com os russos negando que pretendiam invadir a Ucrânia, entretanto Putin reconheceu as regiões separatistas de Donetsk e Luhansk como repúblicas independentes e autorizou o envio de militares russos para essas regiões. Na noite do dia 23 de fevereiro, a ONU realizou uma reunião de emergência do Conselho de Segurança (CSNU)² para debater a crise e pedir para que a Rússia não atacasse a Ucrânia. A invasão, entretanto, já estava em andamento. O primeiro discurso foi de António Guterres, Secretário Geral, que confessou estar “encarando um momento, que eu, sinceramente, esperava não ter que vivenciar”.

Dessa maneira, na madrugada do dia 24, a Rússia invadia a Ucrânia, em uma denominada Operação Militar Especial. A justificativa da desnazificação da Ucrânia escondia objetivos como a retomada do poderio internacional russo, a expansão da União Europeia (UE)³ e a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)⁴. Tal justificativa serviria como um adequado plano de fundo para a contenção do poder norte-americano e a retomada da importância geopolítica russa, perdida desde o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

As forças russas adentraram, a partir da Bielorrússia, no norte da Ucrânia e iniciaram ataques de mísseis contra alvos militares que atingiram diversas cidades ucranianas, inclusive a capital Kiev, pondo fim a centenas de vidas, inclusive de crianças. A usina nuclear de Chernobyl foi tomada e acredita-se que pode ter sido utilizada como ponto de provocação (APARECIDO, AGUILAR, 2022).

Pouco tempo após o início da invasão, o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, adotou a Lei Marcial, substituindo as leis comuns civis do país por regras militares, proibindo a saída de cidadãos ucranianos do sexo masculino do país e fechando seu espaço aéreo. Além disso, afirmou estar distribuindo armas aos cidadãos ucranianos que se considerarem aptos e declarou estado de mobilização geral com validade de 90 dias (APARECIDO, AGUILAR, 2022).

As tropas russas avançaram em três eixos diferentes: norte, sul e leste da Ucrânia e chegaram a Kiev. As forças russas alcançaram Kharkiv, a segunda maior

² O **Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU)** é um órgão da Organização das Nações Unidas cujo mandato é zelar pela manutenção da paz e da segurança internacional.

³ A **União Europeia (UE)** é uma união econômica e política de 27 Estados-membros independentes situados principalmente na Europa.

⁴ A **Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)** é uma aliança militar intergovernamental baseada no Tratado do Atlântico Norte, assinado em 4 de abril de 1949.

cidade do país, Kherson e Berdyansk, ambos no sul da Ucrânia e a presidente da Comissão Europeia⁵, Ursula von der Leyen, afirmou que a UE financiaria, compraria e forneceria armas à Ucrânia para uso na defesa do país contra a invasão russa. Além dessa Organização, outros países como a Alemanha, a Austrália, a França e a Holanda também haviam feito o mesmo anúncio. A UE também aprovou o fechamento do espaço aéreo de todos os seus 27 países membros, para aviões russos. (APARECIDO, AGUILAR, 2022).

A imagem abaixo reflete as ações iniciais russas, a partir de 24 de fevereiro de 2022, em três eixos distintos. Belarus mostrou-se um grande aliado russo, colaborando para a invasão no eixo norte.

FIGURA 1 – Invasão da Ucrânia pela Rússia



Invasão da Ucrânia pela Rússia iniciada em 24 de fevereiro de 2022. Autor: Homoatrox
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:War_in_Ukraine_\(2022\)_en.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:War_in_Ukraine_(2022)_en.png)

Fonte: Retirado do site <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File: War_in_Ukraine_\(2022\)_en.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:War_in_Ukraine_(2022)_en.png)> , em 01/03/2022.

No final do mês de março de 2022, contra-ataques vindos da Ucrânia

⁵ A **Comissão Europeia** é a instituição que é politicamente independente e que representa e defende os interesses da União Europeia (UE) na sua globalidade.

conseguiram retomar algumas regiões nos subúrbios de Kiev (FILHO, 2022). Essa retomada virou um grande aspecto da guerra. A Rússia conquistou diversas regiões no combate, porém não as conseguia manter, por problemas logísticos. E assim, a Ucrânia conseguia aos poucos ir retomando parte de seu território.

Três batalhas foram consideradas as principais, no primeiro ano de conflito: a batalha de Kharkiv, na frente nordeste; a batalha de Donbass, na bacia carbonífera do Donets, onde se encontram Luhansk e Donetsk (anexadas por plebiscito não reconhecido pela ONU, para a Rússia); e a batalha do Sul, que partindo da Crimeia, os russos conquistaram a cidade de Kherson. Conforme supradito acima, os ucranianos conseguiram recuperar diversas regiões perdidas nessa batalha para a Rússia. Dessa forma, esse conflito, ainda está longe de uma definição nos campos de batalha.

“Essa guerra evoluiu para uma guerra de desgaste, onde cada lado está preocupado principalmente em sangrar o outro lado, levando-o a render-se. Claro, ambos os lados também estão preocupados em capturar território, mas esse objetivo é de importância secundária para desgastar o outro lado” (MEARSHEIMER, 2023).

A Ucrânia obteve vantagens na segunda metade de 2022, o que lhes permitiu retomar o território da Rússia nas regiões de Kharkiv e Kherson. Porém, como citado anteriormente, as Forças Armadas Russas responderam a essas derrotas, realizando uma grande mobilização de 300.000 soldados adicionais, reorganizando seu exército, encurtando as suas linhas da frente e aprendendo com os seus erros. (MEARSHEIMER, 2023).

Após um ano de conflito, em 2023 o leste ucraniano passou a ser o foco das principais batalhas. As regiões de Donetsk e Zaporozhe seguem sob fogos de ambos os lados. Dessa maneira, a população civil da Ucrânia sofre com as consequências intermináveis dos imponderáveis da guerra. Cabe destacar que a Artilharia russa segue com sua cadência de tiro de cerca de cinquenta mil tiros diários, contra apenas sete mil tiros ucranianos, no mesmo período. Motivo esse, que leva a apelos de Zelensky por apoio internacional por mais armas e munições.

Segundo MEARSHEIMER (2023) a vantagem russa fica evidente em exemplos como na batalha por Bakhmut, com a vitória das tropas de Putin, no final de maio de 2023. Esse combate demorou 10 meses de duração. Ainda que tenha ocorrido um grande número de baixas, os russos foram superiores as Forças Armadas da Ucrânia.

“Pouco depois, em 4 de junho, a Ucrânia lançou a sua tão esperada contraofensiva em diferentes locais nas regiões de Donetsk e

Zaporozhe. O objetivo é penetrar nas linhas da frente de defesa da Rússia, desferir um golpe impressionante nas forças russas e recuperar uma quantidade substancial de território ucraniano que agora está sob controle russo. Em essência, o objetivo é duplicar os sucessos da Ucrânia em Kharkiv e Kherson em 2022” (MEARSHEIMER, 2023).

As ações ucranianas se mostraram pouco efetivas até o momento. Ainda que o presidente ucraniano tenha prometido um grande volume de ações ofensivas, o avanço de suas tropas esbarra, principalmente, na falta de material de emprego militar que supere os de posse dos russos.

Atualmente, as linhas defensivas russas estão mais bem preparadas que no início de 2022. Logo, a inferioridade bélica ucraniana dificulta o êxito na conquista de seus objetivos. Portanto, como a Ucrânia não cogita recuar de seus propósitos geopolíticos, as batalhas tendem a se tornarem mais sangrentas a cada dia, à espera de uma solução diplomática, ainda distante entre os envolvidos diretamente nessa Guerra.

As ações ocorridas no teatro de operações russo - ucraniano incentivam os países a investirem no poder militar e/ou buscarem alianças. É notório o investimento chinês em capacidades militares, por exemplo. Da mesma forma, em outras guerras pelo mundo, o governo sírio tem sido garantido diretamente pela Rússia e pelo Irã, e indiretamente pela China. Levando para o ambiente sul – americano, o regime de Maduro buscou compensar a postura contrária à Venezuela pelos países ocidentais nas fortes relações com a Rússia, a China e o Irã. O problema é que, quando um país entende ter um poder relativo, a opção pela negociação diminui e a opção pelo uso da força aumenta. Parece ser o caso da Rússia, atualmente (APARECIDO, AGUILAR, 2022).

Face à invasão da Ucrânia pela Rússia, a resiliência do sistema de alianças euro-atlântico afigura-se como uma consequência positiva de um trágico erro histórico russo, ao invadir a Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022. A percepção de uma ameaça existencial à unidade territorial da Ucrânia e à integridade da segurança da Europa veio reafirmar a identidade fundacional da segurança e defesa europeias, no contexto da Aliança e da União Europeia (UE) (NUNES, 2023).

A imposição de sanções à Rússia, após o início da invasão da Ucrânia, e do reconhecimento de uma alegada independência das províncias de Donetsk e Luhansk, marcaram o primeiro passo de uma série de ações restritivas que, nas palavras do

Josep Borrell e Ursula von der Leyen, ajudariam a impedir novas ações russas, bem como recuar de suas intenções intervencionistas no ambiente europeu.

Em um ano, a UE adotou dez pacotes de sanções restritivas, em estreita coordenação com as Nações Unidas e o G7 (grupo de países mais industrializados do mundo, composto por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido), com o objetivo de limitar a capacidade russa de financiar a guerra,; agravou os custos políticos e econômicos dos apoiantes do governo Vladimir Putin, limitou a ação de indivíduos e entidades, incluindo veículos de desinformação e limitou a base político-econômica russa no apoio à guerra (NUNES, 2023).

Segundo NUNES (2023), após mais de um ano de guerra, a invasão russa parece ter se assentado em três pressupostos: que a Ucrânia seria rapidamente dominada; que o Ocidente não iria reagir significativamente; e que a China seria neutra ou estaria a seu lado. Porém, estes pressupostos estão longe de serem concretizados.

Aparentemente, esse conflito está longe de um fim. O que se visualiza, atualmente é uma nova rede de alianças e o redesenho da Ordem Mundial⁶. Nesse contexto, a Rússia reaparece como um ator principal no planeta, porém o sucesso de sua empreitada depende diretamente do sucesso no campo de batalha da Ucrânia e de vitórias geopolíticas em âmbito global.

Portanto, a atual invasão ao território ucraniano, pelas razões expostas por diversos autores, pode ser considerada uma das temáticas geopolíticas de maior relevância na conjuntura das relações internacionais mundiais. A incerteza, a ambiguidade, a volatilidade e a complexidade do presente refletem em possíveis cenários a serem analisados.

⁶ **Ordem mundial** é um conceito referente ao equilíbrio internacional de poder, que envolve as grandes potências, com suas áreas de influência, disputas comerciais, econômicas, políticas, diplomáticas e culturais entre os Estados ou países.

4. EFEITOS IMEDIATOS NA POLÍTICA DOS PAÍSES SUL – AMERICANOS

A América do Sul, historicamente, foi uma zona de importância secundária no xadrez da política mundial. Apenas entrou no sistema mundial, quando ocupada e colonizada por potências europeias e foi, durante longo período, um reservatório de matérias-primas ou produtos da exploração da terra, com exceção de alguns conflitos de ocupação fortemente assimétricos, palco de lutas entre estas, refletindo quase por procuração, relações de poder exógenas (NOGUEIRA, 2015).

Quer pela oposição das duas vertentes oceânicas, quer pela existência das zonas repulsivas⁷, implantaram-se áreas geopolíticas neutras que, por sua posição no “hinterland”⁸, predispueram os países sul-americanos a uma dissociação econômica e psicossocial, vivendo de costas uns para os outros (DE CASTRO, 2012).

A despeito desses países serem considerados “fonte energética do século XX”, já que são vistos por muitos especialistas como ultrapassadas por seus custos ambientais e sociais, o petróleo e o gás não podem ser menosprezados numa análise geopolítica dos recursos estratégicos da região sul-americana. E isto não só porque a região possui grandes reservas desses combustíveis fósseis, mas também pelo fato de que o uso do petróleo e do gás como fontes energéticas importantes deve continuar sendo considerável, pelo menos até a segunda metade do século XXI (RODRIGUES, 2015).

Segundo DE CASTRO (2012), a geopolítica da América do Sul está ligada, diretamente, a regiões naturais de alto valor. Essa autora lista as regiões: do Caribe, da Colômbia e da Venezuela; a do Pacífico; a interior, que inclui a Cordilheira dos Andes; e a Atlântica.

A Bacia Amazônica constitui-se numa sub-região de conexão entre duas áreas de importância geoestratégica - a do Caribe e a do altiplano boliviano - considerando este último uma espécie de “Heartland” do continente. Em consequência, quando mais bem aproveitada, a Bacia Amazônica, com a integração, poderá se transformar em polo de atração de zona repulsiva. Na oportunidade, essas aberturas andinas levarão para o Atlântico riquezas potenciais de zonas geopolíticas neutras do continente. As planícies Amazônica, do Orenoco e a Platina são servidas por redes hidrográficas que levam à América do Sul em seu “destino manifesto” a se voltarem

⁷ **Zonas repulsivas** são aquelas que possuem climas muito desfavoráveis, florestas com vegetação densa.

⁸ **Hinterland** pela visão da geografia é caracterizada como uma área contínua atrás do porto, com expansão para o espaço marítimo que facilita a obtenção do Poder Naval.

para o Atlântico do qual são tributárias (DE CASTRO, 2012).

Além de todas essas riquezas amazônicas, a América do Sul é o ambiente natural de diversos recursos naturais estratégicos. De acordo com RODRIGUES (2015), dentre os minerais presentes na América do Sul, destacam - se por suas grandes quantidades o nióbio, o lítio, o cobre, a prata, o estanho, o ferro, o zinco e o alumínio (bauxita), além de muitos outros em proporções menores.

A América do Sul vive importantes processos de integração regional, que não se limitam ao intercâmbio comercial e à regulação tarifária, mas buscam promover uma integração de longo prazo, de caráter econômico, político, cultural, educacional e infra estrutural. Neste contexto, retoma-se o debate sobre o desenvolvimento, não somente no âmbito nacional, mas também no regional, ensejando objetivos político-estratégicos para tal processo de integração (RODRIGUES, 2015).

No que diz respeito às relações centro-periféricas, a América do Sul encontrou seu núcleo na Inglaterra, durante o século XIX, e nos Estados Unidos, no decurso do século XX. Isso explica o contexto de relativa estabilidade na região, comparada a outras partes do mundo. No período da Guerra Fria, sobressai a condição de demandante. Os países da América periférica mostram-se ciosos acerca da atenção dada pelos Estados Unidos ao resto do mundo e assumem postura demandante de recursos externos e de elevação no status de prioridade. Isso ocorre quando a América do Sul se consolidou na esfera de influência anticomunista, no período da Guerra Fria (DA CUNHA, APPEL, 2014).

Simultaneamente, há a tentativa de desenvolver modelo de inserção socioeconômica autóctone⁹. Contudo, acreditando gozar do status de parceiro da superpotência capitalista, o continente como um todo foi preterido por outras partes do sistema. A reconstrução e reorganização das relações interestatais daquele período demandavam atenção focalizada na Europa e na Ásia, pois a luta ideológica impunha outras prioridades (DA CUNHA, APPEL, 2014).

As dúvidas são efetivamente mais do que as certezas. Não sendo a geopolítica uma bola de cristal, essa aponta continuidades certamente mais perenes do que a análise da “espuma dos dias” da política internacional. Resulta que a visão geopolítica, ao aparentar uma visão integradora do passado e do presente, ajuda-nos também a olhar o futuro com mais segurança. E a possibilidade para se tornar sede de um poder mundial – se alguma vez tal fato vier a acontecer – a América do Sul terá ainda um longo caminho a percorrer (NOGUEIRA, 2015).

⁹ **Inserção autóctone** é a que se origina da região onde é encontrado, onde se manifesta.

Destarte, a América do Sul tem um potencial de desenvolvimento de grande valia. Cabe, neste momento, a utilização de todas as capacidades existentes no continente para o aumento de oportunidades que elevem o nome dos países sul-americanos no concerto das nações. Tal potencial, ainda, precisa superar os inúmeros desafios impostos ao continente.

Portanto, ficam questões a serem desenvolvidas: quais são os efeitos imediatos da Guerra da Ucrânia, nos países da América do Sul? Como esse potencial foi desestabilizado com a abertura do Teatro de Operações russo - ucraniano. Existem diversos casos para serem estudado, em busca de uma conclusão que justifique uma mudança de atitude, ou uma maior aproximação dos países sul-americanos para com os atores diretamente ligados a esse conflito atual.

Um primeiro caso a ser abordado é o da Venezuela. O país encontra – se em um caos político, porém o gás venezuelano passou a despertar a cobiça mundial. Segundo TAPIA, FERRER e HRITOVA (2022), para uma pesquisa da *Universidad Europea* de Valencia, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia mudou o cenário de fornecimento de energia mundial e colocou a Venezuela no radar, como a região com potencial de substituir a produção mundial de energia a gás. Essa situação poderia mudar as relações geopolíticas venezuelanas com os EUA, Europa e demais países do mundo.

Ainda sobre a Venezuela, após um longo período de contestações ao governo de Nicolás Maduro, sua legitimidade deixou de ser uma manchete internacional por diversas razões. A Venezuela, que por muito tempo fora uma vilã geopolítica, ressurgiu de forma mais livre para impor à sua sociedade, as imposições políticas de seu presidente.

“Cresce assim o entusiasmo pela adoção de valores de sociedades fora da cadeia de pensamento hegemônico. As fileiras de esquerda não perderão de vista, ademais, que a reemergência da Rússia antiliberal fornece um manto de pretensa legitimidade à falta de liberdades civis e à concentração de poder econômico nas mãos do Estado, no circuito de países que adotam o modelo “socialista” de governo (da Venezuela à Coreia do Norte)” (MARQUES, 2022).

De modo geral, a política dos países sul-americanos passou por momentos turbulentos, no ano de 2022. Segundo LIMA e DIAS (2022), a insegurança alimentar foi alarmada de maneira global após o início do conflito russo-ucraniano.

Para LIMA e DIAS (2022), os países mais periféricos são passíveis de sofrer

diversas consequências que, em caso de agravamento, podem levar à fome aguda. Os mesmos autores dizem que os conflitos violentos tendem a afetar negativamente toda a cadeia de suprimento de alimentos.

Ainda, LIMA e DIAS (2022) relatam que o aumento mundial do preço dos alimentos prejudica os atores diretos da Guerra, mas também os demais países que sofrem com o aumento nos preços das commodities¹⁰. Isso leva a uma necessidade de regulação de preços, inflação e problemas sociais de toda ordem aos governantes sul-americanos, por exemplo.

Dessa maneira, a instabilidade política se instalou no ano de 2022 na América do Sul. LIMA e DIAS (2022) explicam que a Argentina, por exemplo, para aumentar os impostos para as exportações de óleo e farelo de soja, criou um fundo fiduciário¹¹ estabilizador de trigo, com o objetivo de conter a alta do preço do produto no país, em 2022. A Argentina, inclusive, é um dos países que busca uma grande aproximação, atual com China, como forma de amenizar a grande crise em que vive.

Em 2022, segundo LIMA e DIAS (2022), o Brasil, grande produtor e exportador de commodities, sofreu com a insegurança alimentar. Isso levou o Brasil de volta ao Mapa da Fome da FAO e colaborou para a ocorrência de problemas sociais no País, que afetaram o cenário político brasileiro. Tal retorno colaborou para instabilidades geopolíticas no País. Isso porque, além dos enormes prejuízos trazidos pela pandemia da Covid – 19, o Brasil teve de lidar com consequências de déficits de abastecimento de fertilizantes para agricultura, como exemplo.

Diante de tantas questões geopolíticas e econômicas, em 2022 os países da América do Sul precisaram se posicionar sobre as ações russas em território ucraniano, na Resolução 3314 da Assembleia Geral das Nações Unidas¹². Dessa forma, em sua maioria, esses países votaram pela rejeição e condenação das ações da Rússia (ALARCÓN e CHUQUIHUACCHA, 2022).

Os autores acima mapearam uma síntese das posturas dos países sul – americanos, em relação ao conflito entre Rússia e Ucrânia em Organismos Internacionais. A pesquisa realizada demonstrou que existem posições de diversas maneiras em um contexto geopolítico, de acordo com o interesse de cada país,

¹⁰ As **commodities** são mercadorias, principalmente, de origem primária, portanto, possuem origem agrícola, pecuária, mineral ou ambiental.

¹¹ **Fundo fiduciário** é um acordo legal para transferir patrimônio a herdeiros. É um modo comumente utilizado em empresas ou grupos familiares, mas que pode ser adotado por uma única pessoa para organizar os bens de herança.

¹² A **Resolução 3314 da Assembleia Geral das Nações Unidas** define o termo "agressão". É uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas de 1974.

conforme apresentado na tabela a seguir:

TABELA 1 - Síntese das posturas dos países sul – americanos, em relação ao conflito entre Rússia e Ucrânia em Organismos Internacionais

País	Solicitação de Investigação de crimes de guerra	Voto pela suspensão russa no Conselho de Direitos Humanos da ONU	Voto pela suspensão da Rússia como país observador da OEA	Declaração de condenação à invasão russa, na OEA	Posição sobre o conflito
Brasil	Não	Abstenção	Abstenção	Abstenção	Busca de diálogo entre as partes, por meio de uma reforma no sistema do CSNU.
Argentina	Não	A favor	Abstenção	Abstenção	Imposição de diálogo sobre a Rússia.
Chile	Sim	A favor	A favor	A favor	Considera a invasão à Ucrânia uma agressão injusta.
Colômbia	Sim	A favor	A favor	A favor	Considera a invasão russa similar as que ocorreram no Iraque, na Síria e Líbia.
Peru	Não	A favor	A favor	A favor	Considera a invasão russa um ato ilegítimo.
Bolívia	Não	Contra	Abstenção	Abstenção	A ONU deve intermediar o conflito.
Equador	Não	A favor	A favor	A favor	Considera que a guerra prejudica a segurança alimentar e aumenta o número de refugiados no mundo.
Uruguai	Não	A favor	A favor	A favor	Considera injustificável a invasão russa.
Paraguai	Não	A favor	A favor	A favor	O país se preocupa com a situação ucraniana.
Venezuela	Não	Não participou	Abstenção	Abstenção	O país apoia uma proposta para organização de uma comissão internacional, para facilitar o diálogo entre as partes.

Fonte: Traduzido e adaptado do Artigo “América Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de 2022: una propuesta de categorización de las posturas de política exterior.

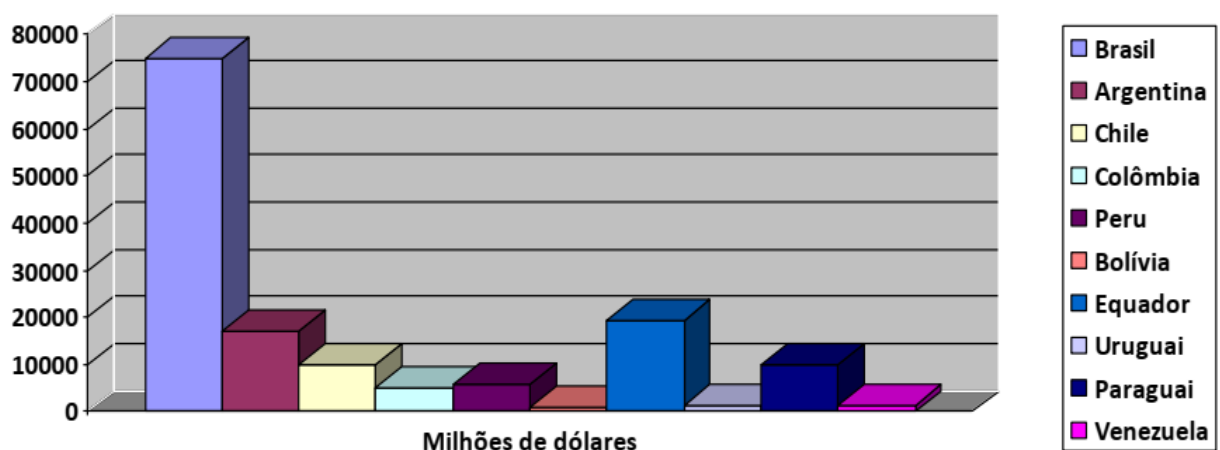
Como se pode observar na tabela acima, o Chile apresentou uma política totalmente contrária à invasão russa, diferentemente de algumas abstenções de outras nações sul-americanas. Para o Ministério das Relações Exteriores do Chile (2022), após um ano do início da invasão russa na Ucrânia, o Governo chileno reitera sua condenação do país agressor e apela ao respeito da independência, da soberania e da integridade territorial da Ucrânia, bem como do Direito Internacional.

O mesmo ocorre com a Colômbia em seu posicionamento contrário à invasão russa. A postura desse país resulta do aprofundamento de suas relações exteriores com os EUA, bem como de uma posição internacional como Estado comprometido com o estabelecimento da paz em seu território (ALARCÓN e CHUQUIHUACCHA , 2022).

Ainda, para esses autores, alguns países da América do Sul buscam políticas mediadoras, isto é, evitam criticar ambas as partes do conflito. Busca-se, ainda, como objetivo principal, ser um mediador do conflito em busca de prestígio geopolítico. Fato é que a política desses países vem sendo afetada por uma necessidade de posição diplomática, que não prejudique suas relações econômicas. Logo, países como o Brasil e a Venezuela buscam essa posição de grande valia no tabuleiro geopolítico (ALARCÓN e CHUQUIHUACCHA , 2022).

O Brasil apresentou uma política neutra ao abster-se nas votações relacionadas à Rússia, nas Nações Unidas e na OEA (ALARCÓN e CHUQUIHUACCHA , 2022).. Essa neutralidade pode ser justificada, para a governança brasileira, apoiada na tabela que segue:

TABELA 2 – Intercâmbio comercial entre a Rússia e países da América Latina em 2021.



Fonte: Traduzido e adaptado do Artigo “América Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de

2022: uma proposta de categorización de las posturas de política exterior.

No Brasil, a Petrobras aumentou o preço dos combustíveis devido à crise na Ucrânia. O Governo de Jair Bolsonaro (2022) tentou conter os preços junto à Petrobras, porém não conseguiu. (MALAMUD; NUÑEZ; 2022).

A ambiguidade argentina foi mais acentuada, sobretudo pela calculada prudência do Presidente Fernández, que "lamentava profundamente a escalada da guerra", solicitando "diálogo e respeito à soberania, integridade territorial, segurança dos Estados e aos direitos humanos [que] garantam soluções justas e duradouras para os conflitos". Mais clara foi a declaração do Ministério das Relações Exteriores expressando sua "firme rejeição ao uso da força armada" e conclamando a Rússia a "cessar as ações militares em Ucrânia". A vice-presidente Cristina Kirchner não condenou a invasão, criticou o "duplo padrão das potências" e o sistema de vetos na ONU. No Uruguai, Lacalle Pou encomendou sua representação diplomática na OEA a aderir "expressamente à carta de sentença" pela invasão. Inicialmente, o representante uruguaio, Embaixador Abdala, não apoiou a declaração contra a agressão russa. (MALAMUD; NUÑEZ; 2022).

Assim, com a entrada das tropas russas na Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022, os países sul-americanos oscilaram entre o silêncio e a rejeição - com vários graus de vigor - e apoio a Moscou. As condenações mais fortes vieram dos governos do Chile, da Colômbia e do Uruguai. Enquanto Sebastián Piñera e Iván Duque condenaram "a agressão armada da Rússia e sua violação da soberania e integridade territorial da Ucrânia", Luis Lacalle Pou, através do Twitter, rejeitou que "Forças militares russas lançassem uma ofensiva contra a Ucrânia. (MALAMUD; NUÑEZ; 2022).

5. CAPACIDADE ESTRATÉGICA DOS PAÍSES SUL – AMERICANOS DE LIDAR COM AS CONSEQUÊNCIAS GERAIS DO CONFLITO

Como introdução ao entendimento dessa capacidade, e já explicado no Capítulo 4, segundo MALAMUD e NUÑEZ (2022) o primeiro ponto importante é que o Chile, a Colômbia, o Peru e o Uruguai, apesar de manterem relações diplomáticas estáveis com a Rússia, optaram por orienta-las de acordo com o direito internacional, entendendo que a invasão na Ucrânia foi um crime de agressão. Para esses países, essa posição fortalece a manutenção da paz e segurança internacional.

Um segundo ponto é a relação ambígua adotada por países como a Argentina, o Paraguai e o Equador. Esses países não apresentaram uma posição crítica ou contraditória em relação à invasão russa. Esses países mantêm discursos evasivos, de forma que não prejudique seus interesses geopolíticos. A expulsão russa de Organismos Internacionais não interessa à essas nações (MALAMUD; NUÑEZ; 2022).

Outra questão levantada por esses autores citado acima é que: alguns países buscam ser mediadores do conflito, como o Brasil e a Venezuela. Essa posição evita criticar as partes, com foco na resolução do problema. Assim, esses países evitam opiniões maximalistas ou explícitas, alcançando uma posição relativamente neutra e apresentando – se como uma fonte confiável para concretizar um processo de diálogo entre a Rússia e a Ucrânia. (MALAMUD; NUÑEZ; 2022).

“Dadas as vozes crescentes sobre a existência de situações potenciais de insegurança energética e alimentar global (Comissão Europeia 2022, Besheer 2022), a região tem uma oportunidade histórica, uma vez que tem sido fornecedora mundial de matérias-primas e se beneficia dos “booms de commodities”. Brasil, Venezuela e Colômbia são os principais produtores regionais de petróleo bruto; Bolívia e Argentina lideram rankings de produção de gás; Brasil e Argentina desempenham um papel importante na cadeia alimentar mundial, especialmente para produtos como trigo, soja, carne e milho; e vários países da América Latina são importantes fornecedores de prata, lítio, cobre, zinco e minério de ferro, entre outros.” (LEVAGGI, 2022).

Essas características, explicitadas acima, e adotadas pelos países sul – americanos ajudam no entendimento das reais capacidades estratégicas dessas nações em lidar com as consequências gerais do conflito.

Um fato importante deve ser apresentado para o estudo da capacidade

estratégica dos países da América do Sul. Segundo LEVAGGI e OTERO (2022), a Ordem Mundial se encontra em uma nova época e, logo, a “Pax” Americana¹³ chegou ao seu fim. Para esses autores, ocorre, então, uma transição estratégica de países para demais potências em competição pelo domínio global.

De acordo com LEVAGGI e OTERO (2022), a América Latina enfrenta um ambiente internacional confuso, caracterizado pela desglobalização, alta inflação e de grandes impactos na economia que foram causados pela Pandemia da COVID – 19. A Guerra da Ucrânia envolve um grande ator do Sistema Internacional, a Rússia, e isso desafiou os países da América do Sul a lidarem com a situação de acordo com suas capacidades, já não mais seguindo, obrigatoriamente, o pensamento dos EUA.

Na Argentina, a invasão russa da Ucrânia desafia valores e princípios internacionais como: integridade territorial e a resolução de controvérsias por meios pacíficos que costumam ser recorrentes em sua narrativa diplomática. No entanto, o conflito russo-ucraniano colocou esse país do sul em um incômodo dilema entre condenar abertamente à Rússia para satisfazer os interesses da Casa Branca ou para demonstrar margem de autonomia para salvaguardar o vínculo com um parceiro estratégico eurasiático (LEVAGGI; OTERO; 2022).

No caso do Brasil, a reação teve um alto grau de pragmatismo¹⁴ que gradualmente se tornou numa neutralidade suspeita. Os estreitos laços econômicos que mantém com a Rússia colocou em tensão a defesa dos princípios do direito internacional e a segurança econômica do País. Nesse contexto, o papel dos agrotóxicos é essencial para entender a posição do governo da época. Enquanto o Brasil manteve-se alinhado com os Estados Unidos, com Trump no poder, “com a chegada de Biden, o Governo Brasileiro perdeu a capacidade de diálogo com os Estados Unidos”. (Sanahuja et al., 2022).

Para fins de entendimento da situação brasileira, segundo o OEC (Observatório da Complexidade Econômica), em julho de 2022, o Brasil exportou US\$ 168 milhões de dólares e importou US\$ 929 milhões da Rússia. Ademais, as exportações do Brasil sofreram um aumento de 46,3%, enquanto as importações passaram por um aumento de 117%. Tais dados comprovam a dependência brasileira, principalmente dos agrotóxicos russos, conforme a tabela a seguir.

¹³ A **Pax Americana** é um termo latino referindo-se a hegemonia norte-americana no mundo.

¹⁴ O **pragmatismo** é uma corrente de ideias que prega que a validade de uma doutrina é determinada pelo seu bom êxito prático

TABELA 3 – Produtos mais importados pelo Brasil em 2022.

Posição	Produto	Valor FOB US\$
1º	Produtos químicos e relacionados, N.E.P.	4.813.739.803
2º	Combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados	1.150.954.988
3º	Artigos manufaturados, classificados principalmente pelo material	113.646.911
4º	Materiais brutos, não comestíveis, exceto combustíveis	89.758.493
5º	Máquinas e equipamentos de transporte	43.670.315

Fonte: ComexStat – Dados do Ano de 2022

O Brasil tem uma capacidade limitada de explorar a produção de fertilizantes. Para ANTONIOLLI (2022) existem majoritariamente três tipos de fertilizantes que o Brasil compra diretamente da Rússia: fosfato monoamônico, potássio e uréia. Estes são conhecidos como fertilizantes inorgânicos e de origem mineral amplamente utilizados na agricultura, ou seja, a relação de dependência para estes itens é extremamente delicada.

“A parceria comercial tem sua importância para ambos os lados considerando o Brasil como um dos maiores exportadores de produtos agrícolas do mundo, se nosso país não estiver com plenas condições de produzir soja, feijão, café, ração para seus animais e outras linhas de commodities o abastecimento global de alimentos seria afetado trazendo consequências além da relação bilateral, mas sim também para os demais players do cenário internacional” ANTONIOLLI (2022).

Outros países da América do Sul, como o Peru, Paraguai e o Equador também sofrem pela necessidade de comércio de fertilizantes. Esses países são extremamente agrícolas e dependem da importação desses minerais. As tabelas a seguir demonstram a liderança russa no comércio de fertilizantes no mundo.

TABELA 4 – Transações de cloreto de sódio no mundo.

País	Valor em milhões de dólares
Rússia	1.444
Canadá	1.423
Belarus	564
Alemanha	382
Israel	275

Fonte: Logcomex, 2022

TABELA 5 – Percentual de exportação de fertilizantes russos no mundo, em 2022

País	Percentual de exportação (%)
Brasil	18,9
Peru	1,72
Colômbia	0,94
Equador	0,9
Argentina	0,88
Paraguai	0,46
Uruguai	0,32

Fonte: Dados retirados do Portal OEC, 2022.

A Colômbia, por sua vez, se vê em uma necessidade maior de condenar os ataques russos, pelo temor de perder suas parcerias com os EUA. Os norte-americanos são fundamentais para o permanente combate as guerrilhas terroristas colombianas. Outro aspecto importante é que a parceria com os EUA rendeu à Colômbia o título de Aliado Estratégico como Membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

“De fato, no final de 2021, a Colômbia assinou novos acordos de cooperação e treinamento com a OTAN que abordam 11 áreas, incluindo as de segurança e mudança climática, e com a União Europeia (UE), especificou maior cooperação na luta contra os crimes transnacionais. Finalmente, Joe Biden declarou oficialmente a Colômbia como um Aliado Estratégico Não Membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) perante o Congresso” (traduzido pelo autor, LEVAGGI; OTERO; 2022).

De modo contrário à posição colombiana, a Venezuela se viu fortalecida geopoliticamente, por ocasião do conflito. A grande capacidade energética do país permitiu que os laços ideológicos com a Rússia se mantivessem fortalecidos, com grande aumento da capacidade venezuelana de lidar com as consequências do conflito.

A situação venezuelana, assim como a dependência de diversos países sul-americanos em relação a produtos russos, fortaleceu a presença russa na América do Sul. As ações russas extrapolam a venda de produtos e geram capacidades aos países da região.

Em primeiro lugar, a possibilidade de respostas mais assertivas da Rússia para responder às ações dos Estados Unidos e da OTAN na guerra da Ucrânia vão além da tradicional “reciprocidade simbólica” (Rouvinski 2022) implicaria na implantação de bases militares e sistemas avançados de armas na América Latina e no Caribe (ROUVNSKI, 2022)

Em meio às tensões geopolíticas globais, a Casa Branca iniciou uma morna aproximação com Caracas. No início de março de 2022, uma delegação americana de alto escalão visitou Caracas com o objetivo de discutir uma ampla gama de temas e avançar com uma agenda que permita o bem-estar e a paz. Ressalta-se que não houve o encerramento completo das sanções contra a Venezuela, embora exista uma agenda de reaproximação fundamentalmente focada em interesses energéticos. Dessa forma, a Venezuela se coloca fortemente no mercado mundial de gás e petróleo. (Sanahuja et al., 2022).

Ainda em um contexto de exploração de capacidades atuais para a tomada de decisão, a Argentina aproxima-se perigosamente da Rússia, por meio de tratados realizados com a China, parceira estratégica russa. No contexto de uma série de acordos bilaterais com a Argentina, a China conseguiu a instalação de uma Estação Espacial na província de Neuquén, que colabora com o Programa Chinês de Exploração da Lua, mas que semeia dúvidas sobre um possível uso duplo; e financiou um Polo Logístico Antártico em Ushuaia, com potencial que chamou a atenção das autoridades do Comando Sul do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (LEVAGGI, 2022).

Diante de argumentações explicitadas, a intervenção militar russa na Ucrânia mudou a percepção dos tomadores de decisão na região do Continente sul-americano em relação às suas relações com a Rússia, o que relata uma alteração dos cálculos na agenda de segurança com os Estados Unidos e os parceiros da OTAN. Embora prevaleça a incerteza sobre as consequências no médio e longo prazo, o impacto da crise no Atlântico Sul tem várias dimensões. Num mundo mais perigoso, o Atlântico Sul apresenta-se como um oásis de paz e estabilidade, mas há uma série de desafios para a “zona de paz” regional. Entre as principais, consideramos os riscos derivados da competição estratégica entre as grandes potências, o posicionamento internacional dos atores regionais frente ao conflito russo-ucraniano e seu impacto na agenda de desenvolvimento estratégico (LEVAGGI, 2022).

Um dos grandes problemas, para o exposto acima, envolve a incapacidade de desenvolvimento de armamentos nucleares no Continente Sul-Americano, por este ser

considerado uma zona livre de armas nucleares e serem signatários do Tratado de Tlatelolco, de 1967. Cabe destacar que a Rússia já ameaçou utilizar esse tipo de armamento no conflito contra a Ucrânia. E essa é uma grande preocupação da OTAN, em caso de expansão do Teatro de Operações em conflito.

O aspecto Defesa é uma fortaleza e tem relevância na América do Sul. Outros aspectos podem estar diretamente ligados a parcerias criadas no princípio dos anos 1990, que elevaram os estudos civis - militares e a segurança regional. O Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS)¹⁵, criado em 2008, foi uma fortaleza de Defesa dos países da região (BATTAGLINO, 2022).

Cabe ressaltar que os movimentos políticos enfraqueceram o Conselho de Defesa Sul-Americano, já que ele estava sujeito aos destinos da União das Nações Sul-Americanas (UNASUL)¹⁶. Esse foi uma organização intergovernamental regional que buscou aumentar a integração dos países do Continente, mas que pouco influencia na América do Sul, atualmente.

“Perante a agressão russa, o mundo dividiu-se entre os que apoiam a Ucrânia e o povo ucraniano, os que apoiam a Rússia e o regime de Putin e os que são, ou alegam ser, neutrais. Para muitos no “Ocidente”, tal divisão é o reflexo de um mundo dividido entre Democracias e Autocracias. Porém, essa dicotomia não corresponde à realidade, bem mais complexa.” (TOMÉ, 2022).

A afirmação acima esclarece o que já foi explicado durante o trabalho. As capacidades individuais dos países estão gerando os interesses de cada nação na América do Sul. A neutralidade, a busca por um protagonismo nas discussões entre os beligerantes, a posição a favor da Rússia ou da Ucrânia, dependem de como está a atual situação política das nações em um contexto amplo, onde a economia está inserida fortemente. Tais capacidades geram as atuais estratégias dos países do Continente de como lidar com o conflito.

¹⁵ O **Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS)** é um mecanismo de fomento do intercâmbio no militar entre os países que compõem a UNASUL, tais como a elaboração de políticas de defesa conjunta, intercâmbio entre as Forças Armadas de cada país, realização de exercícios militares conjuntos, participação em operações de paz das Nações Unidas, troca de análises sobre os cenários mundiais de defesa e integração de bases industriais de material bélico, medidas de fomento de confiança recíproca e ajuda coordenada em zonas de desastres naturais. Foi criado em 15 de dezembro de 2008.

¹⁶ A **Unasul** (União de Nações Sul-americanas) é um bloco que reúne os doze países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. O acordo tem como principal objetivo fomentar a integração entre os seus países-membros. Foi criado em 2008. Foi criado em 23 de maio de 2008.

6. DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A AMÉRICA DO SUL

Após o término da II Guerra Mundial, os Estados Unidos da América consolidaram a sua posição de maior potência do Bloco Ocidental. Dessa maneira, a América do Sul se viu inserida, diretamente, na zona de influência norte-americana.

Segundo FREITAS (2004), o pensador geopolítico brasileiro Golbery do Couto e Silva dizia que a realidade estratégica do pós-guerra ajudou a superar, em larga medida, os tradicionais atritos e receios mútuos entre os diferentes Estados da América do Sul, fortalecendo-se, concomitantemente, os laços propiciadores à formação de uma "comunidade sul-americana que tudo terá a ganhar de uma união sincera e ativa de energias na luta contra o subdesenvolvimento e a fraqueza econômica".

De acordo com FREITAS (2004), Golbery dizia, ainda, que a ameaça externa, essencialmente ideológico-subversiva, exerce uma função aglutinadora e pacificadora no subsistema sul-americano, estabelecendo, em decorrência, "zonas de integração geopolítica", cuja finalidade é uma conjugação voluntária dos "esforços nacionais para as tarefas construtivas da paz". Em paralelo, pela sua posição, grandeza territorial e localização do núcleo central, ao Brasil estaria reservada uma participação integral nas diferentes problemáticas inerentes ao subsistema da América do Sul.

Com esse embasamento teórico e outros de semelhante importância, a Constituição Federal traz, em seu Artigo 4º, considerações sobre a América do Sul. Conforme BRASIL (1988): a República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações.

Além disso, sem desconsiderar a esfera global, o Governo Federal vigente, em 2022, estabeleceu como área de interesse prioritário o entorno estratégico brasileiro, que abrange a América do Sul, o Atlântico Sul, os países da costa ocidental africana e a Antártica, mas também atribui prioridade ao relacionamento com os países detentores de maiores capacidades tecnológicas e com a Comunidade de Países da Língua Portuguesa (BRASIL, 2020).

Ademais, a América do Sul, o Atlântico Sul, a Antártica e os países africanos lindeiros ao Atlântico Sul detêm significativas reservas de recursos naturais, em um mundo já cioso da escassez desses ativos. Tal cenário poderá ensejar a ocorrência de conflitos nos quais prevaleça o uso da força ou o seu respaldo para a imposição de sanções políticas e econômicas. Potências externas têm incrementado sua presença e

influência nessas áreas (BRASIL, 2020).

Sobre a promoção da integração regional, a Estratégia Nacional de Defesa trata das ações que visam à consolidação de uma mentalidade própria de defesa no âmbito da América do Sul, buscando incrementar o nível de comprometimento dos países da região nos esforços conjuntos para solução de problemas comuns nesse tema (BRASIL, 2020).

Nesse contexto, ao se entender as afirmações acima, o entorno estratégico brasileiro na América do Sul passou a ser essencial para as ações político-estratégicas do Brasil. A estabilidade deste Subcontinente colabora para o progresso nacional e a paz social do País.

O atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia enfatizou a necessidade de aproveitamento de oportunidades para os países da América do Sul. Para o pleno sucesso nesse mote, a superação de desafios de toda a ordem se fazem necessários na América do Sul.

6.1 DESAFIOS PARA A AMÉRICA DO SUL

Segundo CEJAS e FRAGOSO (2022), este início da segunda década do século XXI apresenta a América Latina com um cenário que inclui novos desafios nos âmbitos econômico, político e social. Desde março de 2020, os efeitos da pandemia da COVID-19 impactou a economia global, cujo ritmo de crescimento econômico desacelerou. Esta situação foi complicada pelo advento da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, que propõe modificações na forma de lidar com os processos de integração regional num futuro próximo.

Ainda, de acordo com CEJAS e FRAGOSO (2022), o atual conflito internacional entre Rússia e Ucrânia é apresentado em um mundo globalizado, com características particulares que o diferenciam do cenário visto há quase oitenta anos. Atualmente, a América Latina enfrenta os impactos do conflito na Europa, com os seus mercados já integrados nos níveis regional e global. Nesse sentido, o recente fenômeno da integração das atividades empresariais no âmbito do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) é um exemplo de uma nova maneira de aprofundar os laços econômicos entre os países, ampliando seus mercados e gerando condições para melhorar a qualidade de vida de suas populações.

Para CARMONA (2022), se fosse somente tratar do Brasil, uma primeira

questão – ou uma premissa¹⁷ – relaciona-se a compreender como funciona o mundo e quais as características e o papel do Brasil nele. A guerra e mais amplamente os eventos sequenciados dos últimos 15 anos demonstram que as grandes nações buscam, primordialmente, realizar seus próprios interesses nacionais, realizando alianças adequadas à potencialização desses mesmos interesses.

Essas questões tratadas acima englobam, em síntese, todos os desafios para a América do Sul. O jogo de interesses deve ser levado com primazia para que todos os países da região possam desfrutar do desenvolvimento geopolítico.

Ainda, segundo CARMONA (2022), um segundo fator a compreender da análise da situação geopolítica contemporânea é o fato que grandes países de dimensão continental, como é o caso do Brasil, são objeto de assédio indireto ou dissimulado por parte de outras potências no sentido de dividi-los, seja territorialmente, seja no que diz respeito à sua unidade nacional. Hodiernamente, instrumentos similares ao que se tem denominado como guerra híbrida são de larga utilização, em regra, de forma dissimulada por parte das grandes potências. Viabilizar uma série de contramedidas às guerras indiretas e por múltiplos meios é tarefa que se impõe, do ponto de vista geoestratégico.

Para GARCIA, NÁRDIZ e TURIZO (2022), os reflexos da Guerra entre a Rússia e a Ucrânia, levaram, para a Colômbia, país sul-americano relevante, efeitos colaterais que impactam aspectos sociopolíticos e econômicos. Com esse conflito, houve um aumento no valor dos produtos agroindustriais, que repercutem fortemente nos preços de alimentos como a batata, o arroz, o milho, a cana-de-açúcar, as hortaliças, dentre outros. Além disso, os valores do barril de petróleo bruto vêm se elevando, o que afeta diretamente o custo de vida das famílias do país, que ainda é impactado pelo aumento do valor do dólar.

Ainda nesse mote, enquanto no Continente Europeu houve uma afetação de mercados de energia, na América do Sul a instabilidade socioeconômica ocorre devido ao aumento do preço dos produtos agrícolas básicos. Os preços dos alimentos (cereais como trigo e milho) e de fertilizantes dispararam nos últimos dois anos, criando níveis recordes de fome e de pessoas que sofrem de insegurança alimentar. Em números, a guerra entre a Ucrânia e a Rússia demonstrou que as projeções para o crescimento do volume de comércio de mercadorias da América Latina são incertas e inferiores ao que se costuma esperar (HERRERA, 2022).

¹⁷ **Premissas** são fatores que, para fins de planejamento, são considerados verdadeiros, reais ou certos sem prova ou demonstração.

Esse descontentamento e crise social é um grande desafio a ser superado pelas nações sul-americanas. Ademais, a crise gerada pelo desabastecimento de fertilizantes vem gerando alta da inflação para os países do Continente.

Nesse contexto, países como a Argentina passam por grandes dificuldades em uma recuperação desenvolvimentista. Para LORENZINI (2022), refletir sobre a política externa da Argentina em uma conjuntura internacional e doméstica complexa como a atual, representa um grande desafio. Nestes tempos em que prevalece a incerteza e a velocidade com que os eventos acontecem e/ou são desencadeados, se supõe um grau de dificuldade adicional para análises acadêmicas.

Neste momento geopolítico, as escolhas certas nas relações internacionais representam grandes empenhamentos aos países da América do Sul. A atual Guerra da Ucrânia retira o Continente Sul – Americano de seu isolamento geográfico e o coloca como grande personagem mundial em uma Nova Ordem Mundial complexa.

Para LEVAGGI (2022), a intervenção militar russa na Ucrânia mudou a percepção dos tomadores de decisão na região sobre suas relações com a Rússia, o que pressupõe uma alteração dos cálculos na agenda de segurança com os Estados Unidos e com os países membros da OTAN. Embora prevaleça a incerteza sobre as consequências nos médio e longo prazos, o impacto da crise no Atlântico Sul tem várias dimensões. Num mundo mais perigoso, o Atlântico Sul apresenta-se como um oásis de paz e estabilidade, mas há uma série de desafios para a “zona de paz” regional.

“Entre as principais, consideramos os riscos derivados da competição estratégica entre grandes potências, o posicionamento internacional dos atores regionais contra o conflito russo-ucraniano e seu impacto na agenda de desenvolvimento econômico” (LEVAGGI, 2022).

Dessa maneira, mudanças no apoio multilateral ao regime de não proliferação pode se tornar um problema. Na décima Conferência de Revisão das Partes do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, em agosto de 2022, o presidente desse evento, Gustavo Zlauvinen, reconheceu que o “risco nuclear está nos níveis mais altos desde o fim da Guerra Fria” (LEVAGGI, 2022).

Esta declaração reflete preocupações de alto nível sobre a gestão responsável de dispositivos nucleares e um medo renovado da disseminação da tecnologia nuclear ou a interrupção dos programas nucleares atualmente usados para fins pacíficos. O regime de proliferação pode ser contestado se os países extraterritoriais como China,

Rússia ou Coreia do Norte tentarem transferir tecnologia nuclear para os inimigos dos Estados Unidos em situação de confronto direto. Neste contexto, a declaração da América Latina e do Caribe como zona livre de armas de energia nuclear de acordo com o Tratado de Tlatelolco¹⁸ de 1967 e o forte compromisso com o regime de não proliferação por parte das potências nucleares pacíficas da região - Argentina e Brasil - tem sido chave para a estabilidade estratégica da região. No caso da cooperação argentino-brasileira, a criação, em 1991, da Agência Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle de Materiais Nucleares e seu apoio até hoje, além das mudanças políticas, continua sendo a base do entendimento bilateral no Continente Sul-Americano (LEVAGGI, 2022).

Assim, a atenção à utilização de tecnologias nucleares se torna um grande desafio para a América do Sul, composta por países pacifistas. Nesse sentido, a despreocupação com esse aspecto poderá gerar consequências futuras indesejáveis à paz no Continente.

Para LEVAGGI (2022), diante de um ambiente global geopoliticamente mais competitivo, a região é fragmentada e com importantes dilemas internos, especialmente no aspecto político, com declínio na qualidade da democracia e ascensão de movimentos populistas de esquerda e de direita.

Portanto, a superação de desafios se mostra mais complexa do que aparenta. A diversidade política, cultural e econômica da América do Sul dificulta, muitas vezes, uma integração e união mais efetiva, que leve todas as nações do Continente em um mesmo caminho.

6.2 OPORTUNIDADES PARA A AMÉRICA DO SUL

Para CEJAS e FRAGOSO (2022), nota-se que o desenvolvimento econômico latino-americano, durante quase todo o século XX, foi a principal preocupação das sociedades e governantes da América do Sul. Iniciativas para realizar estratégias de crescimento foram tomadas na região, como a criação da ALALC (Associação Livre Comércio Latino-Americano). Na América do Sul, a aproximação entre Argentina e Brasil, as duas principais economias da região, registou um impulso fundamental durante a década de 1980, sendo a origem remota do Mercosul. Desde então, mantém-se o objetivo de expandir e conectar mercados, embora existam muitos obstáculos que

¹⁸ O **Tratado de Tlatelolco** é o nome convencionalmente dado para o Tratado para a Proibição de Armas Nucleares na América Latina e o Caribe. Ele é incorporado no Organismo para a Proscrição das Armas Nucleares na América Latina e no Caribe (OPANAL).

prejudicam o processo de integração.

Conforme o pensamento de LEVAGGI (2022), dadas as vozes crescentes sobre a existência de situações potenciais de energia global e insegurança alimentar (Comissão Europeia 2022, Besheer 2022), a região tem uma oportunidade histórica, uma vez que tem sido um fornecedor mundial de matérias-primas e se beneficia dos “booms de commodities”. O Brasil, a Venezuela e a Colômbia são os principais produtores regionais de petróleo cru; A Bolívia e a Argentina lideram rankings de produção de gás; ainda, o Brasil e a Argentina desempenham um papel importante na cadeia alimentar mundial, especialmente para produtos como trigo, soja, carne e milho; e vários países latino-americanos são fornecedores importantes de prata, lítio, cobre, zinco e minério de ferro, dentre outros.

Ainda de acordo com LEVAGGI (2022), apesar das dificuldades, a atual crise econômica global também oferece oportunidades. Os preços das commodities, por exemplo, aumentaram quase 30% entre agosto de 2021 e 2022, segundo o S&P Goldman Sachs. O índice de commodities e os preços do petróleo ultrapassaram US\$100/barril várias vezes durante os últimos dois anos. O resultado dessas dinâmicas no Atlântico Sul é misto; Brasil e Uruguai têm a oportunidade de otimizar sua inserção internacional no setor de commodities, enquanto a Argentina enfrenta sérios problemas macroeconômicos com forte desvalorização da moeda e inflação acima de 80% em 2022.

“De qualquer forma, respostas unilaterais dificilmente podem ser inteiramente eficazes. A agenda de desenvolvimento do Atlântico Sul exige repensar novas formas de cooperação econômica regional que permitam maior flexibilidade para o momento de enfrentar relações comerciais, sem descuidar dos compromissos assumidos no âmbito do Mercosul” (LEVAGGI, 2022).

Seguindo nesse raciocínio, PALACIOS (2022) explica que a região latino-americana enfrenta não apenas as consequências de um cenário internacional excepcional, mas também vive o surgimento de movimentos políticos e sociais cujos efeitos poderiam impactar a governabilidade dos Estados.

Para LANDI e Vilchez (2022), a situação atual representa uma oportunidade para dinamizar o projeto de integração regional. A região tem a oportunidade de desempenhar um papel mais importante na geopolítica mundial, como fornecedor de fontes de energia (tradicionais e limpas). Com poucas exceções, a América do Sul tem a vantagem comparativa de ser um parceiro confiável, que não ameaça à paz e a

segurança mundiais, nem perturba a ordem internacional.

PALACIOS (2022) resolveu representar sua teoria em uma tabela do ano de 2016, do Sistema Econômico Latino – Americano e do Caribe, em que descreve como a integração regional é uma grande oportunidade para o Continente. Essa integração foi explicitada em diversos campos do poder, conforme explicitado abaixo.

TABELA 6 – Operacionalização da integração regional na América do Sul

Operacionalização da integração regional na América do Sul			
Variável Multidimensional	Campo do Poder	Subvariável	Indicadores
Integração Regional	Econômica	Integração Econômica	- Zona de Livre Comércio - União Aduaneira - Mercado Comum - União Aduaneira e Econômica - União Política e Econômica
	Política	Nível de competências	- Sistema de Tomada de Decisões - Divisão de Competências - Integração Política
	Psicossocial	Transformações culturais	- Incremento do Turismo - Ampla Utilização de Meios Digitais - Exploração Cultural Conjunta

Fonte: Adaptação e tradução da Nota do Sistema Econômico Latino – Americano e do Caribe, 2016.

Na continuação de sua pesquisa, PALACIOS (2022) esclarece que o conflito na Ucrânia tem um grande impacto na economia e no comércio internacional, principalmente devido ao aumento dos preços da energia e dos alimentos. Portanto, sugere-se que, no âmbito da integração no nível regional, os esforços podem ser concentrados no sentido de reduzir a dependência dos países latino-americanos, nesse caso, os sul-americanos. Assim, o quadro acima de integração colabora para um desenvolvimento conjunto regional. Da mesma forma, a guerra na Ucrânia gerou outros efeitos na região, como o corte nas exportações, a ruptura das cadeias logísticas e o impacto na competitividade do setor industrial devido ao aumento de preços em petróleo e energia.

Segundo MALAMUD e NUÑEZ (2022), abre-se uma janela de oportunidade para que a região sul – americana desempenhe um papel relevante na geopolítica mundial e está vinculada à IV Revolução Industrial¹⁹ como fornecedora de matérias-

¹⁹ A **IV Revolução Industrial**, engloba um amplo sistema de tecnologias avançadas como inteligência artificial, robótica, internet das coisas e computação em nuvem que estão mudando as formas de

primas tradicionais (petróleo e gás) e as ligadas à mudança tecnológica (lítio). Sua vantagem comparativa é ser um parceiro confiável e não agressivo nem perturbador do *status quo* internacional e que compartilha a maioria dos valores ocidentais. Não só acontece com a Venezuela, o Brasil, em cinco anos, terá uma maior capacidade da produção de petróleo e espera-se que em 2026, caso sua produção atinja os 4 milhões de barris por dia. O Equador pode aumentar a produção de petróleo e atender aos seus objetivos estratégicos, chegando a um milhão de barris por dia, desde que melhore sua infraestrutura, ainda antiga.

Somente um entendimento continental poderá fazer com que a América do Sul tenha um papel protagonista na Nova Ordem Mundial. Uma ampla cooperação regional será a chave do sucesso em um mundo extremamente volátil e ambíguo.

Outra oportunidade do conflito russo – ucraniano para a América do Sul se encontra na cooperação militar entre países. A América do Sul experimentou, durante o período de expansão do Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS), uma etapa de construção de uma identidade incipiente em matéria de defesa, que favoreceu uma leitura comum aos desafios nessa área (BATTAGLINO, 2012).

A formação de uma nova identidade é um processo complexo que requer interação de sistemas políticos por um longo período. A interação funciona como um mecanismo de socialização que geralmente leva a uma mudança progressiva de ideias e práticas e, eventualmente, para a emergência de uma nova intersubjetividade compartilhada (BATTAGLINO, 2012).

No caso sul-americano, esse processo encontra suas raízes nos contatos crescentes e regulares que civis e militares estabeleceram desde início dos anos 90, e que contribuíram para disseminar o valor da gestão de várias questões relacionadas com as relações civis-militares e a segurança regional (VITELLI, 2015).

A América do Sul fez progressos significativos no curto prazo de funcionamento do CDS (BRAGATTI, 2019). O relançamento do CDS, ou outras instâncias de cooperação em defesa, é um aspecto estratégico para a defesa nacional. Este processo é lento e não isento de retrocessos, mas é fundamental avançar na construção de uma concepção regional de defesa nacional. Sem essa concepção, será muito mais difícil sustentar uma defesa nacional viável a longo prazo (BATTAGLINO, 2012).

Para ALMEIDA (2022), o conflito russo-ucraniano demonstrou a importância de uma BID diversificada e independente da cadeia logística global. Produtos de defesa

devem ser tratados como questão de Estado e merecem um apoio governamental diferente das demais cadeias produtivas de um país. A solução russa, com a criação do conglomerado administrado pelo Estado, a *Rostec*, que atende setores sensíveis da economia do país, com especial atenção à indústria de defesa, tem se mostrado um “case” de sucesso, que permitiu às Forças Armadas Russas a manutenção em combate no atual conflito, mesmo no contexto de sanções internacionais.

O Brasil, por exemplo, apesar de ter iniciativas importantes como a Lei de Fomento da BID, poderia observar o modelo russo e buscar mecanismos de intervenção estatal em seu parque industrial de defesa. A dinâmica atual de cadeias de produções globais tem se mostrado perigosa para produtos estratégicos como os de defesa. A realidade observada na crise da Covid-19 e agora no conflito russo-ucraniano reforça a inexistência de amizade entre países, comprovando o caráter realista nas relações internacionais. A negação de equipamentos ou insumos estratégicos tem sido empregada como o primeiro ato de guerra, e o domínio de toda cadeia produtiva dos produtos de defesa é condição “*sine qua non*” para a garantia da soberania nacional (ALMEIDA, 2022)

Nesse caminho, todos os países sul – americanos devem se preocupar com suas BID. Essa é uma solução viável para que a América do Sul continue sendo um ambiente de paz em um contexto global. As riquezas do Continente podem ser a qualquer momento motivo de cobiça de grandes potências, e é preciso estar pronto para dissuadir qualquer tipo de tentativa de intervenção à soberania das nações da América do Sul.

7. CONCLUSÃO

O presente trabalho, com o tema “AS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICO/ESTRATÉGICAS DO CONFLITO NA UCRÂNIA PARA OS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL A PARTIR DE 2022.” foi motivado pela visualização de impactos e reflexos ocasionados pelo atual conflito existente entre a Rússia e a Ucrânia. As notícias vinculadas nas mídias oficiais e não oficiais sobre a situação geopolítica do Continente Sul-Americano inspirou uma pesquisa mais detalhada sobre o tema, com o foco no seguinte problema: que consequências trará para os países da América do Sul diante dos dilemas e desafios impostos pela Guerra da Ucrânia?

Para o atingimento das respostas de forma objetiva, esta pesquisa buscou responder o seguinte objetivo geral: analisar as consequências políticas e estratégicas do Conflito na Ucrânia para os países da América do Sul, diante dos dilemas e desafios impostos pela Guerra da Ucrânia a partir de 2022. Ainda, para facilitar conclusões acerca do assunto conflituoso foram traçados três objetivos específicos: analisar os efeitos imediatos na política dos países sul-americanos frente ao conflito, identificar a capacidade estratégica dos países sul-americanos de lidar com as consequências gerais do conflito e identificar as oportunidades e desafios para a América do Sul.

Cabe destacar que a atual invasão ao território ucraniano tem envolvido diretamente e indiretamente diversas nações no mundo. Além disso, as sanções econômicas impostas por países que são contra a invasão e a escalada militar crescente, desde 2022, colaboram para a formação de uma grande teia geopolítica no planeta.

Logo, a guerra na Ucrânia pode ser considerada uma das temáticas geopolíticas de maior relevância na conjuntura das relações internacionais mundiais. A incerteza, a ambiguidade, a volatilidade e a complexidade do presente refletem nos possíveis cenários que foram analisados.

Diante desses propósitos, da análise do material apresentado na pesquisa, foi possível concluir que:

a. Acerca da análise dos efeitos imediatos na política dos países sul-americanos frente ao conflito.

Durante este trabalho, a pesquisa realizada demonstrou que a América do Sul é caracterizada como uma região que passou por diversas fases de influência externa em busca de identidade regional. No entanto, o Continente aparenta não

haver amadurecido em sua plenitude, já que segue com enormes desafios socioeconômicos e políticos que afetam sua estabilidade e desenvolvimento.

Os diversos posicionamentos dos países da região em relação à invasão russa destacam suas diferentes prioridades e interesses. Alguns países condenam firmemente a agressão russa, enquanto outros adotam uma postura mais neutra, muitas vezes devido a considerações econômicas e comerciais. Isso prejudica a integração sul-americana em momentos geopolíticos complexos. Logo, a instabilidade no continente se mostra elevada em um momento de desagregação regional.

No contexto da crise na Ucrânia, os países sul-americanos se encontram diante de escolhas delicadas entre condenar a agressão e manter relações diplomáticas ou comerciais com a Rússia. Essas decisões podem ter implicações de longo prazo para a região, afetando não apenas sua imagem global, mas também suas dinâmicas internas. O aumento nos preços das commodities e a insegurança alimentar causadas pela Guerra da Ucrânia dificultam uma coesão regional.

Outro efeito imediato relevante no Continente foi o ressurgimento geopolítico venezuelano. Nos últimos anos, esse país havia diminuído sua influência regional por problemas socioeconômicos e políticos graves. Porém, com o conflito russo-Ucraniano, o seu potencial energético voltou a ser motivo de reaproximação de nações, como os EUA. Outrossim, o apoio venezuelano à Rússia, na atual guerra, a recolocou sob a ingerência russa.

Em suma, é possível afirmar que existe uma elevada complexidade advinda do conflito europeu e uma séria interconexão das questões geopolíticas dessa guerra com as situações políticas, econômicas e sociais da América do Sul. As decisões tomadas pelos países da região em resposta à crise na Ucrânia podem moldar seu papel no cenário internacional e influenciar o desenvolvimento regional nos próximos anos.

b. Em relação à identificação da capacidade estratégica dos países sul-americanos de lidar com as consequências gerais do conflito.

Infere-se que países como o Chile, a Colômbia, o Peru e o Uruguai, que mantêm relações diplomáticas estáveis com a Rússia, optaram por condenar a invasão russa com base no direito internacional, buscando a paz e a segurança internacional. Por outro lado, a Argentina, o Paraguai e o Equador adotaram uma postura mais ambígua para proteger seus interesses geopolíticos, evitando prejudicar relações comerciais e parcerias estratégicas. Tal fenômeno comprova que a Ordem

Mundial se encontra em uma nova época. Supõem-se que a “Pax” Americana chegou ao seu fim, já que não mais segue uma linha pró – EUA, obrigatória, na América do Sul.

O Brasil, por exemplo, enfrentou um dilema entre seus laços econômicos com a Rússia e a defesa dos princípios do direito internacional. A dependência de produtos russos, como fertilizantes, revelou a complexidade das decisões estratégicas do Brasil, que buscou uma posição pragmática. Esse é um reflexo da capacidade sul-americana de lidar com as consequências gerais do conflito, com relações internacionais ambíguas, pois a América do Sul enfrenta um ambiente internacional confuso, caracterizado pela desglobalização, alta inflação e de grandes impactos na economia que foram causados, desde o início da Pandemia da COVID-19, até os dias atuais de conflito russo-ucraniano.

Na contramão desse processo, a Venezuela mostrou capacidade geopolítica elevada em lidar com as consequências do conflito, graças a seu excedente energético. Essa possibilidade econômica do país permitiu que os laços ideológicos com a Rússia se mantivessem fortalecidos e a Venezuela recuperasse parte de sua influência regional, perdida no século XXI.

A Colômbia busca o mesmo caminho venezuelano, porém se mantendo como um parceiro fiel aos EUA. Os altos investimentos econômicos e militares norte-americanos nesse país fazem com que a Colômbia seja o último pilar da “Pax” Americana na América do Sul.

Fato comprovado é que a atual Guerra da Ucrânia tem um papel fundamental para a geopolítica sul-americana. Diversos países sul-americanos dependem de produtos russos e isso fortalece a presença russa na América do Sul. As ações russas extrapolam a venda de produtos e geram capacidades aos países da região. Cabe destacar que os russos se prepararam para esse conflito, em todos os campos do poder, o que dificulta o rompimento de ligações de países, mesmo que condenem a invasão da Rússia nas fronteiras ucranianas.

Assim, a neutralidade ou a busca por um protagonismo nas discussões entre os beligerantes, a posição a favor da Rússia ou da Ucrânia dependem de como está a atual situação política das nações em um contexto amplo, onde a economia está inserida fortemente. Tais capacidades geram as atuais estratégias dos países do Continente de como lidar com o conflito, de acordo com a capacidade econômica de cada ator, sul-americano.

c. Sobre a identificação das oportunidades e desafios para a América do Sul.

Como foi visto, a América do Sul deverá avaliar cuidadosamente suas estratégias e abordagens diante das mudanças no cenário internacional causadas pelo evento disruptivo na Ucrânia. A guerra nesse país impacta a diplomacia, a economia, a segurança e o contexto geopolítico da região, trazendo tanto desafios quanto oportunidades. Nesse sentido, os países sul-americanos buscaram maximizar as oportunidades potenciais enquanto gerenciam os riscos e desafios resultantes desse conflito.

Conclui-se que, em relação aos desafios a serem superados pelas nações sul-americanas, somente um entendimento continental poderia fazer com que a América do Sul tivesse um papel protagonista na Nova Ordem Mundial. Uma ampla cooperação regional é a chave do sucesso em um mundo extremamente volátil e ambíguo.

Além disso, faz-se mister que haja uma preocupação maior por parte dos líderes sul-americanos em relação às políticas públicas que, de fato, gerem progresso e desenvolvimento, distanciando-se do fantasma do populismo. Lidar com esses obstáculos requer uma abordagem cautelosa e adaptativa para proteger os interesses e a estabilidade da América do Sul.

No que se refere às oportunidades para a América do Sul advindas do conflito entre Rússia e Ucrânia, ante das reconfigurações geopolíticas resultantes do conflito, a região sul-americana poderia explorar a diversificação de suas parcerias comerciais, capitalizando em recursos naturais em alta demanda, atraindo investimentos estrangeiros em busca de estabilidade, fortalecendo laços diplomáticos e se envolvendo em fóruns internacionais para promover soluções pacíficas.

Ademais, setores específicos, como defesa e tecnologia, poderiam experimentar crescimento, refletindo possíveis realinhamentos nas prioridades globais. No entanto, as oportunidades reais dependerão das decisões estratégicas tomadas por cada país sul-americano, bem como das dinâmicas em evolução no cenário internacional.

Por fim, a América do Sul, quando comparada a outras regiões do mundo, destaca-se pela sua relativa estabilidade, caracterizada pela ausência de conflitos armados entre países. No entanto, esse subcontinente não está isento de desafios críticos que precisam ser enfrentados. Entre esses desafios estão questões endêmicas, como o populismo, o narcotráfico e a dependência da produção de commodities.

No cenário global do século XXI, um evento de grande impacto que reverberou na América do Sul foi o conflito entre a Ucrânia e a Rússia. Essa guerra teve, e ainda mantém, repercussões significativas nos países sul-americanos, afetando suas

dinâmicas geopolíticas. Assim, os países da região enfrentam a árdua tarefa de superar esses desafios e, ao mesmo tempo, aproveitar as oportunidades que venham a surgir.

Nesse contexto, a estabilidade relativa da América do Sul não significa a ausência de obstáculos, mas sim a necessidade de uma abordagem estratégica e cooperativa para lidar com questões prementes e para explorar as possibilidades que o século XXI apresenta.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Informação e documentação – numeração progressiva das seções de um documento escrito – apresentação (ABNT NBR 6024:2003). Rio de Janeiro: ABNT, 2003. 3 p.

ALARCÓN, Daniel Olivier Hermoza; CHUQUIHUACCHA, Jimy Trujillo. America Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de 2022: una propuesta de categorización de las posturas de política exterior. *Revista Política Internacional*, 2022.

ALBUQUERQUE, Thiago Britto de; ALMEIDA, Leandro Leite de. A previsibilidade de Agressão nos Conflitos Armados: uma análise da Guerra Russo – Ucraniana. *Observatório da Praia Vermelha*, 2022.

ALMEIDA, As lições do conflito russo – ucraniano para a Base Industrial de Defesa Brasileira, *Observatório da Praia Vermelha*, 2022.

ANTONIOLLI, Lucas Amorim. O comércio de fertilizantes Brasil x Rússia após a Invasão Russa na Ucrânia em 2022. Universidade do Sul do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2022.

APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. A Guerra entre a Rússia e Ucrânia. *Observatório de Conflito Internacionais*, 2022.

BATTAGLINO, Jorge. La Guerra entre Rusia y Ucrania y sus implicâncias para la defensa em América de Sur. Ver. Esc. Guerra Naval, Rio de Janeiro, RJ, 2022.

_____. BRASIL. Casa Civil. Estratégia Nacional de Defesa, Brasília, DF, 2016.

_____. BRASIL. Casa Civil. Livro Branco de Defesa Nacional, Brasília, DF, 2020.

_____. BRASIL. Casa Civil. Política Nacional de Defesa, Brasília, DF, 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 24 maio 2021.

BRASIL. Exército. ECEME. Elaboração de Projetos de Pesquisa na ECEME. Rio de Janeiro, 2012.

_____. BRASIL, Ministério da Defesa. Cenários de Defesa 2020 – 2039. Brasília, DF, 2017.

_____. BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado – Maior do Exército. EB20-MF-03.106: Manual de Fundamentos de Estratégia. Brasília, DF, 2020.

_____. BRASIL. Ministério da Defesa. Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa. Brasília, DF, 2012.

CARMONA, Ronaldo. A Guerra na Ucrânia e suas implicações para a segurança internacional. A Guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica. *Revista CEBRI*. Rio de Janeiro,

RJ, 2022.

CARREGOSA, Lais & Rafaella Barros. 2022. "Entenda como a guerra impacta o mercado de fertilizantes". *Poder360*, 25 de fevereiro de 2022. <https://www.poder360.com.br/europa-em-guerra/entenda-como-a-guerra-impacta-o-mercado-defertilizantes/>

CARVALHO, Jiane. Guerra na Ucrânia: Os possíveis riscos para a economia global e do Brasil caso o conflito se prolongue. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61930676>>, 2022. Acesso em: 06 de abril 2023.

CASTILHO, Filipe Philipps de. Energia, guerra e transição: A guerra da Ucrânia e os novos paradigmas do consumo energético. Biblioteca Digital de Periódicos da UFPR, 2022.

CEJAS, Hernán; FRAGOSO, Silvio; América Latina frente a los impactos de la guerra em Europa: La regionalización como respuesta a la crisis global; *Revista Política Internacional*, 2022.

DA CUNHA, Guilherme Lopes; APPEL, Tiago Nasser. Geopolítica e trajetórias de desenvolvimento comparados: América do Sul e Leste da Ásia. *Revista Científica General José María Córdova*, v. 12, n. 13, 2014.

DE CASTRO, Therezinha. "AMÉRICA DO SUL: VOCAÇÃO GEOPOLÍTICA." *Revista da Escola Superior de Guerra*, 2012.

FILHO, Paulo Roberto da Silva Gomes. A liderança política na guerra da Ucrânia, 2022. Disponível em: <<https://paulofilho.net.br/2022/07/24/a-lideranca-politica-na-guerra-da-ucrania/>>, acesso em: 06 de abril 2023.

FILHO, Paulo Roberto da Silva Gomes. Os primeiros estágios da guerra: as operações militares russas na Ucrânia. *Linha Vermelha: A Guerra da Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI*. Campinas – SP: Editora UNICAMP, 2022.

FRANKO, Patrice; HERZ, Mônica. Defense industrialization in Latin America. *Comparative Strategy*, EUA, 2018.

FREITAS, Jorge Manoel da Costa. *A Escola Geopolítica Brasileira*. Brasília - DF: Biblioteca do Exército, 2004.

GARCIA, Margarita Rodelo; NÁRDIZ, Alfredo Ramírez; TURIZO, Jorge Mejía; Nuevas relaciones Internacionales y efectos de la guerra de Ucrania em el proceso de paz em Colombia, 2022.

HERRERA, Catherine Margaret Navarro Acosta. América Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de 2022: América Latina y los impactos de la guerra em Europa em el ámbito de la seguridad alimentaria. *Revista Política Internacional*, 2022.

LANDI, Bruno Castañeda; VILCHEZ, Karen Maribel Rebaza. América Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de 2022: La invasión rusa a Ucrania y el debilitamento del

processo de integración latino-americana. *Revista Política Internacional*, 2022.

LEVAGGI, Ariel Gonzalez; OTERO, Pilar Martinez. Guerra Rusia – Ucrania: América Latina y el Caribe em um encrucijada global. *Anuario Mexicano de Asuntos Globales*, 2022.

LEVAGGI, Ariel Gonzalez. La guerra ruso – ucraniana y los desafíos de seguridad globales en el Atlántico Sur. *CEBRI - Revista*, 2022.

LORENZINI, María Elena. La Política Exterior Argentina em la Administración de Alberto Fernández: Puntos de partida y posicionamento frente a la invasión Rusia – Ucrania. *Argentina*, 2022

LIMA, Thiago; DIAS, Atos. A Guerra da Ucrânia e a crise mundial. *Linha Vermelha: A Guerra da Ucrânia e as Relações Internacionais no Século XXI*. Campinas – SP: Editora UNICAMP, 2022.

MALAMUD, Carlos; NUÑEZ, Rogelio. América Latina y la invasión de Ucrania: su incidencia en la economía, la geopolítica y la política interna. *Real Institute elcano*. 2022

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe (1532)*. Editora Edipró, 2018.

MARQUES, Renato. Pensando a Rússia. *Revista Centro Brasileiro de Relações Internacionais*, São Paulo, 2022.

MEARSHEIMER, John J. A escuridão pela frente: Para onde vai a guerra na Ucrânia. Disponível em <<https://www.forte.jor.br/2023/07/20/a-escuridao-pela-frente-para-onde-vai-a-guerra-na-ucrania/>>, acesso em: 28 de julho de 2023.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO CHILE. Comunicado a un año desde el inicio de la guerra de agresión de Rusia en Ucrania. Disponível em: <<https://www.minrel.gob.cl/noticias-antiores/comunicado-a-un-ano-desde-el-inicio-de-la-guerra-de-agresion-de-rusia-en>>, Acesso em: 06 de abril 2023.

NUNES, Isabel Ferreira. *A Ucrânia e a União Europeia – Um Ano Depois*. Instituto da Defesa Nacional, Lisboa, 2023.

PALACIOS, Giulliana Reggiardo. America Latina frente a la guerra entre Rusia y Ucrania de 2022: Apuntes sobre oportunidades de integración regional para los países em America Latina em el contexto del conflicto armado entre Ucrania y Rusia. *Revista Política Internacional*, 2022.

RODRIGUES, Bernardo Salgado. Geopolítica dos recursos naturais estratégicos na América do Sul. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, v. 45, 2015.

ROUVNISKI, Vladimir. 2022. “Russia in Latin America: A Framework of Analysis”. In *Rethinking Post-Cold War Russian–Latin American Relations*, organizado por Victor JEIFETS & Vladimir Rouvinski,. London, 2022

SANAHUJA, J. A., Stefanoni: “América Latina frente al 24-F ucraniano: entre la tradición diplomática y las tensiones políticas”, *Documentos de trabajo n° 62* (2ª época), Fundación

Carolina Madrid, 2022.

VERGARA, Sylvia Constant. Métodos de pesquisa em administração. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 287 p., il. Bibliografia: p. 269-287. ISBN: 978-85-224-4999-6.

VISACRO, A. Não basta vencer em múltiplos domínios: conjecturas sobre a nova doutrina do Exército dos Estados Unidos e os conflitos na zona cinza. Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares, Vol. 14, nº 50, p. 187-209, 2020.

TAPIA, Carlos; FERRER, Jorge; HRISTOVA, Zlatimira. Gas Venezolano como solución a la demanda energética Internacional. Universidad Europea. Valencia, 2022.

TOMÉ, Luis. A Guerra na Ucrânia dividiu o mundo, mas não exatamente entre as democracias e autocracias. Instituto de Defesa Nacional. Portugal, 2022.

YIN, Robert K. Pesquisa qualitativa do início ao fim. Penso Editora, 2016.